

Finanças da referida Faculdade, passando, depois, a reger, em consequência de permuta, a cadeira de Direito Administrativo. Foi Diretor do mesmo estabelecimento de ensino jurídico e Vice-Reitor da Universidade do Ceará. Também lecionou na Faculdade de Filosofia e foi lente da Escola de Agronomia. Escolhido, por duas vezes, Juiz do Tribunal Regional Eleitoral. Como homem de imprensa, foi o decano da classe, aparecendo sempre como denodado defensor dos postulados do Catolicismo. Já em 1909, com José de Mendonça Nogueira, se iniciava nas lutas jornalísticas, fundando o órgão *O Bandeirante*, ao mesmo tempo que, assiduamente, colaborava na *Revista Escolar* daquele Instituto de Humanidades. Mais tarde, foi redator-secretário do *Diário do Estado* e redator-chefe do *Correio do Ceará*. Dirigiu, desde a fundação (1922), o diário católico *O Nordeste*. Orador elegante e poeta. Fez parte do Instituto do Ceará. Faleceu em 16 de abril de 1968. Publicou, entre outros trabalhos: *Liberdade Econômica e Instrução Pública* (tese), 1917; *O Nacionalismo e a Imprensa*, 1918; *A Solução do Magno Problema do Ceará*, 1925; *A Catedral*, 1942; *A Extensão do Direito*, 1950; *Ensino Jurídico*, 1954; *Quixera-mobim e Sua Vida Religiosa*, 1955; *Para Que o Mundo Pense*, 1950; *A Filosofia do Desastre*, 1957; *Esboços e Perfis*, 1957.

OCUPANTE ATUAL

OTACÍLIO Ferreira DE AZEVEDO. Nasceu no lugarejo Monte Alegre, do Município de Redenção, em 11 de fevereiro de 1896. Filho de Bernardino Ferreira de Azevedo e Felismina Maria da Conceição. Sem haver cursado escolas, conseguiu afinal o domínio das letras indispensáveis, num didatismo digno da melhor saliência, que lhe proporcionou conveniente formação intelectual. Homem de vida simples, modesta, que passou uma “mocidade dolorosa, sempre viúva de afetos e carinhos”, ganha o pão com os seus trabalhos de pintura, pois é autor de bons quadros, muitos dos quais enriquecem galerias do Ceará e do Sul do País. Há deles ornando as paredes da BBC de Londres. É flagrante o seu talento poético, traduzido em versos de dorido lirismo, como que — na linguagem mes-

ma do poeta — “cantando a minha angústia indefinida, purificando a minha própria mágoa.” Publicou: *Dentro do Passado*, 1916; *Alma Ansiosa*, 1918, 2ª ed. 1955; *Musa Risonha* (autobiografia), 1920; *Réstia de Sol*, 1942; *Redenção* (poema histórico), 1944; *Desolação*, 1947, 2ª ed. 1967; *Últimos Poemas*, 1958; *A Origem da Lua*, 1960; *Adágios, Meizinhas e Superstições*, 1966, todos de poesia. A publicar: *Fortaleza Descalça*. Falando de sua poesia, disse Sílvio Júlio: “A delicadeza das suas estrofes, o suave simbolismo das suas rimas, as doçuras líricas dos seus versos denotam o poeta verdadeiro.”

27

PATRONO

Manuel SORIANO DE ALBUQUERQUE. “Soriano tinha sede de criar, e como os espíritos imbuídos de idéias fixas, que se norteiam por pontos limitados de conhecimentos, menosprezava o que ficava fora desse âmbito intelectual. Daí a segurança, quase dogmática, a convicção da superioridade dos seus processos, a intransigência dos seus princípios, o desdém com que afastava da discussão o que lhe não agradava. Era uma espécie de vidente, de iluminado; sua inteligência seguia uma idéia, como um batel que em noite escura fiça e navega à proteção de um farol” — palavras do mestre Tomás Pompeu, suficientes para dar-lhe o retrato psico-cultural.

A sua posição diante do governo oligárquico do Dr. Nogueira Acioli, fiel ao governante que o ajudara, trouxe-lhe críticas e acusações. Mas, afinal, tornou-se mestre de discípulos que o seguiam com ardente fé no que ele ensinava. Derrotou as prevenções dos adversários e zoilos com o poder de sua tenacidade e persuasão, e viu coroada a sua batalha pelos loiros da adoção da Sociologia como disciplina oficializada no curso da Faculdade de Direito do Ceará, a qual honrava, sim, honrava, com a ocupação de uma das cátedras. Veio de Pernambuco, do Município de Água Preta, onde nasceu em 8 de janeiro de 1877. Em Olinda fez as primeiras letras